

Willian Silva de Vasconcellos

Universidade Federal de Minas Gerais

Adorno e o cinema: possibilidades de uma arte autônoma

Adorno afirma em sua Teoria estética que a arte só é interpretável pela lei do seu movimento, não por invariantes. Determina-se na relação do que ela não é. A estética materialista dialética de Adorno, portanto, só pode ser bem compreendida em oposição àquilo que ela critica, ou seja, dentro de uma sociedade capitalista, a arte existe numa oposição crítica à sociedade de consumo. Esse movimento também se reflete na história, de modo que a autonomia artística apenas é legitimada por aquilo em que a obra de arte se tornou, aberta ao que pretende ser e àquilo que poderá talvez tornar-se. O cinema, tratado muitas vezes por Adorno enquanto exemplo dos processos de manipulação e controle por parte da indústria cultural, é também um campo de luta por autonomia artística que, em sua especificidade formal, poderia apontar para a negação de um reforço da superfície aparente da sociedade, ou seja, a negação de um movimento estético essencialmente reacionário. Devido ao seu caráter de autorreprodutibilidade, sua separação integral da indústria cultural parece impossível, mas, ao se pensar um cinema que pretenda ser arte autônoma em tensão com sua origem essencialmente mercadológica, torna-se viável vislumbrar um certo tipo de filme que force os limites da indústria cultural, não numa exclusão recíproca, mas numa tensão constitutiva. Busca-se neste trabalho, portanto, apontar para as possibilidades em aberto colocadas por Adorno do cinema ser arte autônoma em tensão com a indústria cultural.
